

Jornalismo: sensibilidade e complexidade

Antônio Fausto Neto

Resumo: Examina-se efeitos da midiática sobre o processo de construção da noticiabilidade, especialmente as novas configurações que repercutem sobre a atividade mediadora do jornalista. Enfatiza-se que o permeamento da sociedade por operações de lógicas das mídias enseja o deslocamento de fontes e atores para o processo produtivo jornalístico, instaurando novas formas de interpenetração neste modelo de interação-jornalista/fonte/leitor, bem como naqueles procedimentos sobre os quais se tece a “construção do acontecimento”.

Palavras-chave: jornalismo, dissolução, midiática.

Abstract: *Journalism: sensibility and complexity.* The effects of mediatization on the process of newsworthiness construction are examined, especially the new arrangements that affect the journalist's mediating activity. The study emphasizes that the permeation of society by media logic operations leads to the displacement of sources and actors to the process of journalistic production, introducing new forms of interpenetration into this model of journalist/source/reader interaction, as well as in the procedures into which the “construction of the event” is woven.

Keywords: journalism, dissolution, mediatization.

Nota introdutória

Mudanças complexas que avançam sobre o sistema jornalístico, repercutindo sobre as condições de produção da noticiabilidade, têm sido descritas por investigações, ao longo dos últimos anos. A ênfase destes estudos chama a atenção para, dentre outras coisas, o deslocamento de certas atividades – como as que envolvem o controle de suas operações – das fronteiras do ambiente jornalístico para âmbitos das instituições e dos

atores sociais, aqui entendidos como as fontes de informação e o campo da recepção¹. A partir de fatos que marcam a relação da mídia jornalística com instituições de diferentes campos sociais, tais investigações descrevem mecanismos através dos quais determinadas ferramentas, operações e lógicas, até então manejados pelos jornalistas, enquanto atores centrais deste processo se estendem para o mundo das fontes e dos leitores. Casos mais recentes apontam o avanço desta complexidade: o afastamento do ombudsman da FSP (nota), provocado por sua discordância em fazer recuar novo dispositivo interacional jornal-leitor, assegurado pela internet² e o episódio do “blog da Petrobrás”, caracterizando novas formas de ação entre fonte-jornal. Este último gerou um amplo debate enfatizando as novas maneiras através das quais a fonte co-participa do processo de construção da noticiabilidade. Estes fatos aparentemente restritos às rotinas jornalísticas, suscitam discussões e pelas complexidades apresentadas, torna-se importante indagar sobre as causas destas mutações, que fazem aspectos estratégicos da prática jornalística escapar do seu clássico âmbito produtivo, impondo efeitos sobre a força do trabalho autoral do jornalista, especialmente sobre a natureza de sua mediação técnica-simbólica.

Cabe aqui, uma breve digressão sobre o desafio que este cenário produz sobre os dispositivos metodológicos que envolvem a pesquisa sobre o jornalismo. Poderia parecer a alguns, que a escolha de certo caminho observacional de operações que instituem esta nova realidade, poderia estar restrita apenas aos fatos, nada oferecendo de teorias explicativas sobre a ocorrência destes fenômenos. Restrições lembrariam que o fato de descrever as operações que se manifestam nos próprios materiais jornalísticos - como é o caso das investigações acima citadas - não permitiria ao observador se afastar do objeto e, de suas manifestações, para desenvolver elaborações interpretativas mais sofisticadas. Tal restrição poderia ser procedente, caso ignorássemos os bons aconselhamentos dos processos abduccionais. Estes lembram que fatos de pequena significância sugerem o estabelecimento de conjecturas e que as mesmas não podem ser compreendidas apenas com a aplicação sobre elas de proposições teóricas, de modo antecipado. No lugar deste processo dedutivo, dizem tais conselhos, efetua-se a suspensão de julgamentos a priori, examinam-se regras e operações que constituem a complexidade destes pequenos, mas imensos fenômenos. Definindo-se como ponto de partida, proposições vão guiar o trabalho investigativo, e é no processo de descrição das falas que emergem escolhas teóricas, e o contributo dos seus conceitos para explicar sua complexidade³. Como o espaço destinado à reflexão desta natureza não comporta comentários mais largos sobre procedimentos que foram tomados com referência para a condução de investigações anteriores acima

¹ FAUSTO NETO, Antonio. “Será que ele é? Onde estamos? A midiatização de um “discurso proibido””. In: Ícone, Ano 7, N.9, Dezembro 2006. FAUSTO NETO, Antonio. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora. In: La trama de La comunicación. Vol. 12, Ed.2007.

² FAUSTO NETO, Antonio. Ombudsman: A interrupção de uma fala transversal. In: Revista InTexto. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

³ ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. O signo de três. São Paulo: Perspectiva, 1991.

apontadas, ressalva-se que, a intenção deste artigo é a de, ao problematizar os cenários de complexificação do funcionamento do sistema jornalístico, responder a hipótese se, de fato, tais impactos sinalizam para o esmaecimento da natureza da mediação jornalística, ou, para possíveis possibilidades de sua reconfiguração. Seguindo o caminho abducional, no lugar de respostas – de caráter reativo e mais imediatas – institui-se assim uma hipótese de trabalho: o processo intenso e crescente da midiática sobre a sociedade e suas práticas sociais, afeta de modo peculiar a cultura jornalística, seu ambiente produtivo, suas rotinas e a própria identidade dos seus atores. Seus efeitos transformam as fontes e leitores em instâncias de co-produção da notícia. Se não podemos falar do desaparecimento do jornalista como estrutura mediadora, muitas conseqüências põem em jogo seu atual *status* e sua identidade. Os efeitos da midiática proporcionam às instituições e indivíduos acesso e manejo de equipamentos, e também aos processos e operações midiáticas, convertendo-os em novos personagens deste sistema de “codificação da realidade”. O que sugere tal hipótese? Que há um cenário de novas questões que deve ser estudado por envolver uma nova problemática tecno-simbólica a atravessar a organização social contemporânea. Tal problemática por nós compreendida pela midiática crescente das práticas sociais, afeta a cultura jornalística, o modo de ser de sua “comunidade interpretativa”; reformula o status da notícia. Põe em discussão a essência da pedagogia mediadora do trabalho do jornalista, repercute sobre sua identidade. Além disso, atribui às fontes e aos leitores novas tarefas de “gestão discursiva” da atualidade, complexificando o trabalho de enunciação do acontecimento.

Tal hipótese não emana de uma motivação determinística e linear, conforme poderia sugerir, leitura mais apressada. Convida-nos a permanecer no âmbito de um processo observacional que parte dos fatos, visando se descrever as regras e operações do funcionamento, para finalmente se chegar à tarefa interpretativa. Tal hipótese é suscitada por uma conjuntura povoada de operações relacionadas com nova economia enunciativa a reger o ato jornalístico. Envolve questões que já não ficam sitiadas nas redações, pois frequentam diferentes ambientes institucionais: as agendas das fontes; são objetos de decisões de tribunais; viram estratégias de preocupações mercadológicas; e se convertem também em objeto de reflexão do campo jornalístico, compartilhando-as com o próprio leitorado. Ou seja, o sistema jornalístico, enquanto uma “realidade da construção”, no dizer de Luhmann, vira assim, acontecimento. Para nos guiar nesta reflexão, partimos de registros de alguns fatos que fazem parte da própria reflexão jornalística acerca destes processos. Diferente dos materiais trabalhados em investigações anteriores, recupera-se aqui, fragmentos de discursos jornalísticos que elaboram a existência e presença destes novos atores – fontes e leitores - e dos processos que os envolve nesta nova paisagem. São registros que pertencem a uma conjuntura muito recente, e sobre os quais as teorias do jornalismo possivelmente, não possam ainda dar conta das complexidades que se apresentam, no momento.

Fonte, o “companheiro” indesejado

Algumas das mutações que afetam o processo de produção jornalística envolvem as suas relações com as suas fontes. Reformulações neste sentido, foram anunciadas em 2006, por conta dos efeitos do ambiente da midiática: “Agora os entrevistados gravam entrevistas – Fontes insatisfeitas até republicam o conteúdo em sites” – Katharine Q. Seelye – Estado de São Paulo, janeiro de 2006. Aponta-se, ali, para algo que o episódio do “Blog da Petrobrás”, atualiza, anos depois. O jornalista já não é mais soberano no trabalho de produção da notícia. Cria-se, assim um novo modelo de enunciação que escapa à edição do jornal. Fontes investem em operações e regras, pondo em xeque a regência unilateral do ato jornalístico de produção da realidade.

Até um passado recente, (quando as operações estavam totalmente nas mãos das rotinas das mídias) enfatizava-se o controle da enunciação midiática, por parte do dispositivo produtivo sobre a fonte. Apenas para contrastar com o episódio do Blog da Petrobras, algo que nos parece exemplar: durante as eleições de 2006, alguns jornais publicaram, sem consultar, perguntas que seriam feitas ao presidente e Lula, na condição de candidato (enquanto fonte ou entrevistado), caso tivesse comparecido aos debates com suas respectivas redações. Mas, como se recorda, Lula se fez ausente, e nem tomou conhecimento antecipadamente – antes da sua recusa em ir até as redações – das perguntas que lhes seriam dirigidas nestes encontros presenciais com jornalistas. Delas soube, quando estampadas nas edições, do dia seguinte. Como agiram os jornais? Publicaram perguntas que seriam feitas ao candidato, deixando em branco espaço, no qual seriam registradas possíveis respostas. O efeito desta operação é mostrar ao leitor que o jornal cumpre sua tarefa; faria perguntas ao presidente que, estando ausente, não poderia respondê-las. Nelas, se alude assim, a ausência das respostas e, a do próprio entrevistado. Diferente do momento atual – onde as tecnologias permitem que fontes e jornalistas compartilhem de ferramentas dos mesmos processos de produção da notícia – há três anos, o dispositivo jornalístico detinha um outro tipo de relação com a fonte, através do controle das perguntas e o do próprio processo da sua edição⁴. Diferentemente deste momento, o affaire “Blog da Petrobras – jornais” materializa marcas da existência de um protocolo, por força da existência de um novo ambiente técnico-discursivo. Neste amplia-se o trabalho sobre de “controle da edição”, na medida em que o processo de produção da notícia pode também ser “vistoriado” para não dizer, enunciado de outra forma pela fonte.

⁴ “50 Leia algumas questões que Lula poderia ter respondido se tivesse aceitado o convite para sabatina da Folha, ontem Perguntas para Lula” – FSP, A10, Brasil, SP, 07/09/2006; “Longe da ‘praça pública de debates’ Lula recusa convite do GLOBO para ser entrevistado por colonistas do jornal”. Jornal O GLOBO, p.13, O PAÍS, RJ, 01/09/2006.

Este caso ilustra a estrutura da ambiência em que vivemos e os efeitos de suas conjunturas sobre a produção da noticiabilidade, na medida em que “a mediatização acelerada das sociedades industriais nos conduz, muito provavelmente, para funcionamentos significantes cada vez mais complexos” (VERÓN, 2004: 67). É no âmbito das práticas sociais que tais funcionamentos técnico-discursivos tomam forma. Neste caso, a produção da noticiabilidade se vê atravessada por lógicas e operações que remetem à existência de uma nova interface entre jornais/fontes e jornal/leitor.

O processo intenso de mediatização produz repercussões muito complexas nas relações entre os campos sociais, e no caso do campo jornalístico, no *status* dos seus peritos – os jornalistas – e em suas *performances* simbólicas. Gera múltiplos processos de afetações sobre as estruturas mediadoras de contato entre instituições e atores sociais. Tal lugar mediador vê-se diante da perda das forças dos seus próprios processos de reconhecimentos e com os quais era consagrado. Passa o jornalista a dividir com fontes e atores sociais, a natureza e a especificidade do seu processo produtivo: “antigamente um punhado de editores podia decidir o que era notícia e o que não era. Eles agiam como espécie de semi-deuses. Se eles publicassem uma história, ela virava notícia. Se ignorasse o fato, era como se nunca tivesse acontecido. Hoje, os editores estão perdendo este poder. A internet dá acesso à milhares de novas fontes que cobrem coisas que um editor poderia deixar passar. (...) E os jornalistas enfrentam novas concorrências de fontes alternativas de notícias e de informação”. (“Murdoch exala otimismo sobre o jornal do século XXI”, FSP, A14, SP – 10.12.2009).

A evolução dos dispositivos sócio-técnicos permitem, como dissemos, que fontes controlem o processo produtivo, sem mudar do ambiente institucional em que se encontram instituídos. Ou ensejam que outras fontes de outros campos sociais sejam convertidas em atores que vão dividir com jornalistas o trabalho de produção de sentido da atualidade, ainda que sobre a etiqueta de um jornalista colaborador.

A mídia impressa ganha em 2009 um novo colunista, engrossando a fileira dos colaboradores, fato a sinalizar que a questão da liberdade de expressão de caráter opinativo, não estaria sendo tolhida pela presença dos ‘jornalistas diplomados’, conforme sugere o recém ato do STF, sobre a questão do status do diploma universitário, na área do jornalismo. O presidente Lula – a exemplo do ex-presidente FHC, que é colaborador semanal de um grande jornal do país – passa a assinar coluna que é disputada por centenas de jornais. E a sua imersão nas mídias não fica por aí, pois ingressa no continente digital, com a criação de um blog.

No avanço desta ambiência, o jornalista vai perdendo a autonomia de certas regras com as quais tece o trabalho simbólico de construção da realidade, ainda que formalmente, lhe reste algum fôlego para, via mecanismos autorreferentes, falar da sua existência, e dos nichos produtivos alusivos à realidade construída por seu trabalho.

Leitor, o “companheiro” promovido

Descrevamos o que se passa na outra ponta do processo e que alude à construção de uma nova interface jornal-leitor.

Na comemoração dos seus 45 anos de existência, o jornal ZH, de Porto Alegre pública, na forma de anúncio, em duas páginas, a seguinte mensagem institucional: *Pense nos próximos 45 anos. Agora pense em todas as notícias que você gostaria de ler em Zero Hora. Nós não vamos publicar nenhuma delas. Não, a menos que aconteçam, a menos que você faça acontecer. Com suas idéias, com seu trabalho, com seus atos, você pode fazer algo novo. Mudar a realidade. E aí, se isso acontecer, pode ter certeza: nós vamos noticiar. Não vamos medir esforços para explicar “o que”, “quando”, “onde”, “por que”, e, acima de tudo, “quem”. Esse vai ser sempre o nosso papel. Seja no papel, na internet, no celular, ou no que mais a tecnologia inventar. Nós não podemos gerar um fato. Nós não podemos criar uma notícia. Mas você pode.* (ZH, POA, pp. 2 e 3 - 05.04.2009)

Quase na mesma data, O GLOBO divulga anúncio institucional: *Você é o repórter. A diferença é que vai usar o Iphone em vez da câmera e do computador. O Eu-repórter, a ferramenta de jornalismo participativo do Globo onde você faz a notícia, foi otimizada para o IPHONE. Você pode mandar sua história em foto ou texto, de forma simples e prática. Para você participar, discutir, opinar. On line, on time, full time. Acesse o app store e baixe gratuitamente o aplicativo EU-Repórter. O GLOBO Muito além do papel de um jornal.* (O GLOBO, RJ - 14.09, p.12).

Estas duas mensagens jornalísticas, de caráter institucional, explicitam as condições de novos “contratos de leituras” pelos quais os leitores são chamados a colaborar através de uma nova atividade de interface no processo produtivo da noticiabilidade. Se, de um lado, as fontes sofrem reprimendas por seus atos regulatórios, ao criar dispositivos que enfraquecem o trabalho investigativo do jornal, por outro lado, os leitores são promovidos ao status de colaborador, na condição de produtor da notícia. Os jornais, em suas mensagens produzem pelo menos, duas formas de reconhecimento, face às novas tarefas dos leitores. Na primeira, o jornal (ZH), enquanto sujeito (institucional) da enunciação afasta-se, aparentemente, de um lugar protagônico, o de agente central do trabalho discursivo da noticiabilidade, e, sob certas condições, convoca o leitor para “cabine de pilotagem” enunciativa, transformando-o em uma nova personalidade, investindo-o, sob certas condições, em uma nova função autoral. Nesta mensagem, ZH “confessa” os limites do atual modelo, e aponta para as ferramentas de um novo, onde novas tarefas são atribuídas ao leitor: **“nós não podemos criar uma notícia. Mas você pode”**. Neste novo modelo de parceria, a atividade central do jornalista, enquanto mediador perde força na medida em que ele, o jornalista, é transformado em um receptor de uma enunciação que vem de outro lugar: *nós vamos (apenas) noticiar e você vai criar a notícia*. É verdade

que tal proposição está revertida por uma motivação metodológica, pois sabemos que tal repartição de tarefas, não pode pôr em risco o “contrato de leitura” estabelecido pela lógica empresarial-editorial. Ou seja, “os que vêm de lá de fora vêm jogar o jogo”, mas segundo certas regras definidas e reguladas pelo nicho produtivo jornalístico.

O segundo anúncio, veiculado pelo O GLOBO é menos sutil, na medida em que não se reporta mais a um leitor qualquer e genérico, a ser convertido em criador. Desta feita, se volta a um agente do próprio processo produtivo, e já nomeado segundo as regras de um novo modelo de noticiabilidade, o *Eu-Repórter*. Quem vai ser convertido em parceiro do modelo não é um destinatário universal, mas aquele usuário e protagonista das ferramentas digitais, cujas modalidades de uso lhes são oferecidas, no texto do anúncio. Visa-se consolidar a racionalidade do novo sistema de produção da notícia, e, sendo o leitor uma espécie de co-operador, deve assim se submeter a um processo de “educação para os meios”. Ou seja, o avanço nos processos físicos da circulação, envolvendo nichos de produtores e leitores, repercute sobre o processo da noticiabilidade na medida em que as condições de sua gestação passam a ser o grande acontecimento das atuais rotinas jornalísticas. Este aspecto pode ser recuperado em observações junto às colunas destes dois jornais em pesquisas que examinam as novas formas de interação entre jornal/leitor. Nelas, descrevem-se operações auto-referenciais onde se reflete sobre as condições das rotinas jornalísticas e nas quais os leitores, estão, desde já, irremediavelmente, situados⁵. Se no primeiro caso, é facultado ao leitor “criar” a notícia, no segundo lhes são facultadas outras condições para estar – enquanto ator e por força da circulação – no próprio ambiente de produção da noticiabilidade.

A ascensão de uma nova figura de “mediador”, ofuscando – ou mesmo ocupando a cena do processo produtivo jornalístico – parece-nos estar associada a dois fatores que, de alguma forma se correlacionam: de um lado, o processo exacerbado de midiaticização que ao gerar uma nova ambiência sócio-técnica-discursiva estaria ensejando que todas as instituições e atores sociais, venham a ser afetadas pelas lógicas e operações de midiaticização. Isso significa o acesso dos sujeitos às tecnologias e seus processos de codificação, facilitando regimes cooperativos entre estes e os sistemas produtivos de informação. Por outro lado, o enfraquecimento da figura do perito, o especialista, em decorrência da ascensão de novos protocolos de produção de dados e de codificação técnico-simbólica.

Para tanto, insistiremos numa breve descrição do percurso que mostra as transformações sobre a prática jornalística, resultantes na ascensão do *amador* em detrimento do perito, no processo de produção desta modalidade de prática social. Entendemos que esta questão repercute sobre o tema da confiança. Sabemos que no

⁵ FAUSTO NETO, Antonio. Escrituras sobre a enunciação jornalística. Artigo publicado na Revista Comunicação e Espaço Público. Brasília: UnB, 2008.

jogo interacional do jornal/leitor este conceito tem um valor central no funcionamento e efeitos dos contratos de leitura.

Interessa-nos, particularmente entender como este conceito aparece nas estratégias que visam a constituição de vínculos entre campos sociais e os atores. Giddens se preocupou com estas questões, ao refletir sobre o papel que têm os especialistas no modo de validar a relação dos indivíduos com os “sistemas abstratos”. Para ele, a questão da confiança está diretamente associada à existência de peritos cujas credenciais se visualizam na forma de “portas de acesso” dos indivíduos aos referidos sistemas. Ou seja, a aposta que se faz nas instituições modernas, e suas formas de conhecimentos, está diretamente associada ao reconhecimento que se possa atribuir à performance e perfil dos seus peritos. Estes são espécies de “estruturas operadoras de contato” que afixam estratégias interpretativas atribuídas a conhecimentos complexos (Giddens, 1991). O autor não se refere explicitamente às mídias, e nem aos seus especialistas, mas salienta que os “pontos de acesso” são espécie de mediações fundamentais como instancias hermenêuticas. Por esta razão, contatos com tais peritos, na forma de encontros são, particularmente, conseqüentes nas sociedades modernas (Giddens, 2001:58). Porém, o que está ocorrendo é a transformação desta “zona de contato” que deixa de ser operada apenas pelo jornalista. Os processos produtivos jornalísticos são também administrados pelas fontes, e outros são gerados pelos receptores. Sem estimar efeitos mais precisos, poder-se-ia afirmar que uma das principais conseqüências desta nova paisagem é a diluição da força do perito e da sua atividade mediadora. Operações complexas no âmbito da circulação, ensejadas pela nova ambiência midiática, instituem não só novas formas de interações, mas a existência de novos atores no processo de noticiabilidade; não importa o grau, mas estes novos peritos estão lá, redesenhando rotinas e configurações da cultura jornalística.

A existência destes novos personagens é tema de um debate travado recentemente, nos Estados Unidos, envolvendo figuras do mundo acadêmico norte-americano – Steven Johnson e Paul Starr. De modo resumido, quais são as teses por eles discutidas sobre a ascensão desta nova estrutura de mediação? Johnson destaca que “grandes *bloggers* irão apresentar as notícias pela primeira vez, comentar acontecimentos e até ganhar dinheiro. **Amadores locais irão vasculhar documentos públicos**⁶ em busca de detalhes reveladores, e pais presentes às audiências escreverão em *blogs* sob o impacto em escolas específicas à sombra do projeto. Se forem espertos, jornais como o *New York Times* e o *New York Post* vão aproveitar esta cobertura, compartilhá-la com os seus leitores, usá-la para vender anúncios locais e às vezes colocar anúncios locais”. Reconhece que “no final deste processo **haverá menos jornalistas oficiais de jornais cobrindo acontecimentos (...)**”. Pergunta ao interlocutor qual sociedade lhe parece incluir mais participação cívica: “**uma que o noticiário é controlado por uma pequena minoria e onde as interações cívicas das pessoas acontecem como leitura feita a caminho da seção de esportes? Ou uma em que**

⁶ Os grifos atribuídos às declarações são de nossa responsabilidade.

milhares de pessoas comuns participam ativamente na criação do próprio noticiário?"

Starr, contesta as teses de Johnson e ressalta que: "qualquer pessoa que navegue por seu site, verá que ele não faz reportagem investigativa (...)". Ele agrega o que aparece em outros lugares. "Engajar o **público requer que se identifiquem os acontecimentos e apontem seu sentido**, e não apenas que se **reproduzam informações** (e desinformações) isoladas. Sobre as teses que estimam o fim do jornalista, Steven reconhece ser verdade que **são necessárias habilidades de jornalistas tradicionais** para questões macro, mas no nível hiperlocal, os **verdadeiros especialistas** são as **pessoas na rua**". Mas, Staar adverte que "o novo ambiente da mídia provavelmente levará a um **abismo maior entre a minoria** que se interessa intensamente pela vida pública e o número consideravelmente **maior de pessoas que se afasta** por completo da esfera pública, informando-se **pouco sobre política e importando-se menos com ela**. Este é um problema antigo que retornou sob forma nova" (Caderno MAIS, "Mídias em Guerra", FSP-10.05.2009).

Instado a falar sobre o cenário destas novas condições de produção da noticiabilidade, fortemente permeadas pela internet, o editor da revista francesa **Le Nouvel Observateur**, Jean Daniel, comenta os efeitos destas inovações sobre a desprotagonização da mediação jornalística, especialmente com acesso do amador. Diz: "A possibilidade de qualquer pessoa responder a qualquer pessoa (...)". Ou o fato de que todo mundo possa ser jornalista, e neste caso que os próprios jornalistas deixem de acreditar neles mesmos, porque são questionados a todo o momento. **Está se produzindo um descrédito na função do jornalista** (...) todo itinerário de preparação, que terminava num estatuto de prestígio e autoridade do jornalista, **está sendo destruído pela aparição repentina de alguém que encontra uma foto e a coloca** na internet. E essa **foto pode destruir alguém**".(NOTICIA URGENTE. Caderno MAIS, FSP, 01.03.2005).

Quando destacamos a importância que têm as novas condições de circulação física das notícias, é claro que estamos valorizando uma nova ecologia que se estrutura em torno das lógicas técnico-digitais. Mas as plataformas digitais não são apenas espaços de circulação física dos bens simbólicos. São ao mesmo tempo, nichos de estratégias de produção de sentido que instauram novas regras acerca da produção da notícia, bem como sobre operações relacionadas com a tessitura do acontecimento. Suas "origens" se modelizam em vários ambientes, produzindo novas transações e instituindo uma nova racionalidade. Tais configurações que envolvem tal ambiência, além de proporcionar o esmaecimento da autoria da atividade do jornalista, geram o que é definido por Habermas como uma espécie de caos na esfera pública, com o desaparecimento da singularidade do discurso do especialista e/ou da opinião do intelectual, neste novo contexto. Na internet, diz ele, "os intelectuais parecem morrer sufocados diante do transbordamento desse elemento vivificador, como se ele lhes fosse administrado em overdose. A benção parece transformar-se em maldição. As razões para isso me parecem ser uma informalização da esfera pública e uma indiferenciação dos correspondentes papéis" (Caderno Mais! FSP-18.08.2006).

O enfraquecimento destas estruturas mediadoras, e de sua respectiva singularidade, com o aparecimento destas novas redes e de dispositivos de interpretação, gera certa orfanidade com esta imparcialidade dos sistemas de referencia. E “nós, o público em geral, ficamos diante da tarefa impossível de esquadriñar e de avaliar um mar interminável de conjecturas confusas de amadores” (Keen, 54: 2009).

Estamos diante da existência de um novo dispositivo que re-conceitualiza o ato jornalístico, em relação às feições identitárias que demarcavam até então, sua existência e seu funcionamento. Trata-se do enfraquecimento de um lugar simbolicamente investido de referência e/ou de potencia para referir, segundo determinados atributos e competências, que parece sofrer desinvestimentos por parte desses novos regimes de produção de sentido.

Nota em conclusão

As questões acima apontam para nova problemática que tenciona proposições e reflexões teóricas sobre o jornalismo como prática social, especialmente aspectos que envolvem processo formativo etc.

Dizem respeito à natureza do trabalho de mediação do jornalista, sugerindo que sejam levadas em consideração outras formulações que possam contracenar com discursos eivados de profecias auto realizantes, além de outros que muito pouco problematizam a natureza das mutações acima comentadas, ainda que de um modo breve.

Como notas finais, enfatizamos algumas observações: duas ou três angulações que aqui são oferecidas como hipóteses de reflexões.

Há uma nova forma de organização social, estimulada por uma ordem tecno-discursiva de caráter midiático e que gera uma irremediável interseção entre os campos sociais, fazendo com que seus processos interacionais sejam estruturados em torno de novas lógicas relacionais. Tal conformidade parece excluir – ou diluir - fronteiras entre campos, na medida em que seus processos enunciativos passam a ser fortemente estruturados e permeados pelas lógicas e operações predominantemente midiáticas. Tal dissipação de fronteiras se não dissolve a existência dos campos sociais, trata de agrupá-los em torno de uma ‘zona de pregnâncias’ cujos contornos e operações de sentidos tomam como referência, possibilidades de interações que se tecem em torno de novas e complexas lógicas.

Esta nova forma de organização permite admitir que a transformação de fronteiras em ‘zonas de pregnância’ suscita também a diluição de conceitos polares, como os de produção e de recepção de discursos, em decorrência de um novo regime de circulação tecno-social que enseja, não só um novo ambiente tecno-interacional, mas a presença de operações em torno das quais estes velhos pólos passam a se afetar e por consequência, gerando novas dinâmicas de contatos .

Qual é a repercussão desta nova ambiência e seu funcionamento sobre o jornalismo como atividade de produção de sentido?

Sua atividade representacional de produzir narrativas sobre as realidades de outros campos se transforma velozmente, pelas repercussões que têm as operações de mediação sobre a natureza e estrutura do jornalismo como uma atividade de mediação social. Os modos de lidar com fontes e leitores mudam, substancialmente, pois o processo relacional que envolve transações do sistema jornalístico com, de um lado as instituições e suas fontes, e com os seus receptores, de outro, passando a reunir e a depender de novos ingredientes. As convicções e as regras que sustentam a atividade mediacional que se realiza neste sistema, pela atividade autoral do jornalista, vê suas forças mescladas e a especificidade do seu trabalho narrativo permeado por enunciações heterogêneas. Os motivos que justificariam suas operações, alicerçadas na tradição da cultura, nos valores-notícias e regras de construção da notícia, parecem desaparecer na medida em que as competências para operar a codificação dos fatos passam a ser compartilhadas e/ou permeadas por outras lógicas, e suas respectivas operações, com a ascensão destes atores - fontes e leitores - à ambiência das operações de produção de sentido do sistema jornalístico.

Tais mutações afetam um dos aspectos centrais que dizem respeito à natureza da autonomia do trabalho jornalístico, e que se refere à natureza do seu 'lugar de fala'. Sem perder de todo, a característica de seu trabalho enunciativo - o de representar discursivamente a vida das instituições - devemos admitir, entretanto, que a existência destes novos processos de intersecção, reunindo fontes /jornalista/leitor nas novas condições acima descritas, reformulam a concepção da autonomia sobre a qual a prática jornalística edifica seu ethos. Tal autonomia não é mais só afetada por antigos constrangimentos que balizavam as relações do jornalismo com as instituições e os atores sociais, mas pelos efeitos dos processos de mediação sobre estas instâncias. Nas relações de outrora, se apresentavam outros problemas que não punham em causa a natureza desta prática e da 'pedagogia mediadora' de seus peritos. Desta feita, utilizando uma terminologia luhmanniana, o sistema jornalístico é irritado, de um modo inteiramente distinto, por fontes e leitores, com os mesmos estabelecendo relações de conflito e de cooperação. Estas três instâncias, estando dispostas na ambiência midiática, segundo certos processos relacionais, se constituem em atores que compartilham, ainda que em níveis diferentes, a nova "liturgia da noticiabilidade". Quando dizemos que a autonomia sofre reformulações, referimo-nos portanto às novas configurações a que é submetida tal 'fala intermediária', cuja disposição incide também nos modos de contatos e de conexões que o jornalismo passa a construir com instituições e atores sociais. Com as primeiras, por ser constituída como zona estratégica que se estrutura em torno de poderes e lógica complexas, trava relações de conflito, especialmente pelo fato de ser uma zona que opera largamente apropriando-se ativa e, estrategicamente, das lógicas e operações de mídias. Um dos efeitos desta apropriação é a transformação da fonte da condição de paciente em um novo co-parceiro crítico e fiscalizatório, e o jornal, num receptor de um discurso que

sofre, muitas vezes, os reveses de novos processos de agendamentos. Com os segundos, desenvolve relações de cooperação, uma vez que se trata de um mundo diverso, cultural e plural, mercadologicamente (CHARRON 72:1998). A primeira reação, de fundo conflitual do sistema jornalístico ao “Blog da Petrobrás”, está relacionada com uma recusa à existência de outro dispositivo que ponha em risco o nicho jornalístico, propriamente dito. Ou seja, que atravesse a tarefa mediadora do jornalismo, com a manifestação de outros mecanismos de operação de sentido. Façamos um parêntese: de certa forma, a decisão do STF sobre a não- obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão parece estar afinada com este contexto de expansão da midiatização e dos seus processos, e sobre a definição das profissões e o desempenho dos seus atores. No lugar de qualquer limitação certificadora ou regulatória, para ser jornalista bastam boas capacidades de expressão e de sensibilidade. A segunda reação é de natureza cooperativa, no sentido de transformar leitores em espécies de co-produtores de determinadas operações da noticiabilidade. Está relacionada com o fato de que tal compartilhamento de operações, ao invés de oferecer riscos, ou atravessamento a tal processo de produção, se constituiu numa zona de colaboração. Nestas condições, com as fontes o sistema jornalístico põe em marcha fechamentos operacionais. Ou seja: restabelece fronteiras, em nome de sua lógica de autonomia, e com os leitores-colaboradores institui formas de acoplamentos com seus discursos, que são agregados à matéria prima de suas rotinas. Podemos dizer que o processo de auto poiesis do sistema jornalístico não se desenvolve nestas condições, de forma tal que dele resulte uma espécie de ‘realidade da construção’, sem atravessamentos e conflitos. Pelo contrário - e ainda lembrando Luhmann - este trabalho de autonomia (leia-se de funcionamento da auto poiesis), desenvolve operações muito complexas como as de auto-remissividade, auto- manutenção e de auto- produção e que visam - a despeito dele reconhecer a importância do ambiente sobre suas manifestações - a permanência de sua própria racionalidade.

Vozes mais distantes acerca da repercussão destas conjunturas sobre o jornalismo, destacando a importância da midiatização sobre a formação e a prática. Argumentam que as novas condições de mediação do jornalismo estão associadas, por exemplo, às ferramentas. E neste caso ele - o jornalista - terá que dar muita importância a esta questão, pois “O processo de reconhecer a validade dos conteúdos será essencial num entorno informativo digital, donde praticamente qualquer um poderá publicar e onde os conteúdos se fabricam e se manipulam, com facilidade. O impacto (da internet) sobre o jornalismo exige a necessidade cada vez maior de jornalistas que possam ordenar toda esta avalanche de informação e que lhe dê importância técnica de edição” (Pavlik, 337: 2005).

Estas possibilidades redimensionar o lugar mediador são possíveis, pois “apesar do efeito destruturador que a Internet poderá exercer sobre as profissões da comunicação, não parece razoável prever, a médio prazo, o desaparecimento da profissão de jornalista, mesmo que o ‘suporte de papel’ e o jornal, tal qual o conhecemos desde o século XVII

venha a cair em desuso. Não é tarefa fácil predizer o que será a evolução das profissões dos médios no século XXI, mas parece favorável admitir que continuarão a desempenhar um papel caracterizado pela centralidade. (...) A relevância social destes profissionais do simbólico nas sociedades contemporâneas é irrecusável (...) (Mesquita, 204: 2004).

Quem sabe, se estas questões poderiam irrigar novas discussões sobre o futuro deste lugar de mediação; seus currículos formativos; políticas editoriais; ensuma, as reflexões sobre os novos modos de vínculos entre o jornalismo, instituições e os seus leitores .

Referências

- BRAGA, José Luiz. (2006) *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus.
- BRASIL, André; FALCI, Carlos Henrique; JESUS, Eduardo de; ALZAMORA, Geane (orgs). (2004) *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- CHARRON, Jean. *Los medios y las fuentes*. In GAUTHIER, Gilles; GOSSELIN, André; e MOUCHOM, Jean (orgs.). (1998) *Comunicación y política*. Barcelona: Gedisa.
- (1972) *Communications L'Évènement*. Paris: Seuil, n.10.
- ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (1991) *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva.
- FAUSTO NETO, Antônio. (2006) Mutações nos discursos jornalísticos: Da 'construção da realidade' à 'realidade da construção'. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de A; PICCININ, Fabiana. *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- _____. (2006) Será que ele é? Onde estamos? A midiaticização de um "discurso proibido". In: *Ícone*, Ano 7, N.9, Dezembro.
- _____. (2007) A midiaticização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora. In: *La trama de La comunicación*. Vol. 12.
- _____. (2008) Ombudsman: A interrupção de uma fala transversal. In: *Revista InTexto*. Porto Alegre: UFRGS.
- _____. (2008) Escrituras sobre a enunciação jornalística. In: *Revista Comunicação e Espaço Público*. Brasília: UnB.
- _____. (2007) Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. In: *Diálogos Possíveis: revista da Faculdade Social da Bahia*. Ano 6, N.2.
- _____. (2008) Escrituras sobre a enunciação jornalística. Artigo publicado na *Revista Comunicação e Espaço Público*. Brasília: UnB.
- GIDDENS, Anthony. (1991) *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- HABERMAS, Jürgen. (2006) *O caos da esfera pública*. In: Caderno Mais! Folha de São Paulo.
- JENKINS, Henry. (2008) *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph.
- KEEN, Andrew. (2009) *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- LUHMANN, Niklas; DE GEORGI; Raffaele. (1993) *Teoria de La sociedad*. México: Doble Luna.

LUHMANN, Niklas. (2000) *La realidad de los médios de masas*. Rubi/México: Anthropos Editorial/ Universidad Iberoamericana.

_____. (2009) *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes.

MESQUITA, Mário. (2003) *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.

MORETZSOHN, Sylvia. (2002) *Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan.

PAVLIK, John V. (2005) *El periodismo y los nuevos medios de comunicaciòn*. Barcelona: Paidòs.

SODRÉ, Muniz. (2009) *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.

TCHERKASKI, Osvaldo (org). (2005) *Información: se puede saber lo que pasa?* Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

VERÓN, Eliseo. (2004) *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS.

ANTONIO FAUSTO NETO é professor titular do
PPGCC da Unisinos (RS).

fausto@unisinos.br

*Artigo recebido em junho de 2009
e aprovado em outubro de 2009*